

AGRONEGÓCIO PALMITO DE PUPUNHA NO ESTADO DA BAHIA

Maria das Graças C. Parada Costa Silva¹

1. HISTÓRICO



A primeira introdução de pupunha na Bahia aconteceu em 1960, no município de Ituberá, no Baixo Sul da Bahia, realizada pelo Eng^o Agrônomo Antônio Lemos Maia. Observando o consumo dos frutos nas ruas de Belém e tomando conhecimento da sua riqueza nutritiva, este agrônomo trouxe alguns frutos para a região, objetivando melhorar a qualidade da alimentação da população local. As primeiras mudas foram plantadas no quintal de sua residência.

A adaptação foi excelente e rapidamente a planta se disseminou por toda a região. (O Dirigente Rural, 1977). Esses frutos foram colhidos de algumas plantas existentes no antigo Instituto Agrônomo do Norte - IAN, em Belém. Eram frutos grandes, de coloração vermelha quando maduros e amiláceos.

Todas as plantas resultantes dessa introdução eram com espinhos e com bastante perfilhos (Fabio Maia, com. Pessoal, 2005).

Em 1974, o mesmo agrônomo trouxe nova quantidade de sementes de Belém, suficiente para o plantio de 7 mil pupunheiras, as quais foram plantadas na Fazenda Cultrosa, em Camamu, BA, com o objetivo de testar a palmeira para a fabricação de palmito (O Dirigente Rural, 1977). Devido a presença de espinhos e à pouca divulgação da pupunha para esta finalidade, não houve receptividade para produção de palmito, prevalecendo no entanto, a produção de frutos, que teve aceitação pela população regional. Esses frutos foram adquiridos no mercado Ver – o – Peso em Belém, PA, e apresentavam cor vermelha, tamanho pequeno, polpa oleosa e saborosa e estipe bastante espinhoso (Fábio Maia, com. pessoal, 2005). Ainda existe descendentes dessas pupunheiras na Fazenda Cultrosa.

Para fins de pesquisa, a primeira introdução de pupunheira na Bahia, foi realizada na Estação Experimental Lemos Maia – ESMAI / Ceplac, Una, Ba, em 1982. Esse material foi oriundo das proximidades de Pampa Hermosa, Peru (Difusão Agropecuária, 1990).

¹ Eng^a Agrônoma, FFA, MSc, Ceplac/Cepec/Sefop. Km 22 Rod Ilhéus – Itabuna, CP 07
gracaparada@cepec.gov.br

O estande foi implantado em 1983, em consórcio com pimenta do reino (*Piper nigrum*), cacau (*Theobroma cacao*), leucena (*Leucaena leucocephala*), abacaxi (*Ananas* sp) e outras culturas de ciclo curto, objetivando a produção de frutos.

A partir do início da década de 90, com a divulgação da pupunha como produtora de palmito, intensificou-se a busca por informações e por sementes para plantios em escala comercial, e área passou a ser um campo de produção de sementes.

Visando aumentar a oferta de sementes na Esmal, em 1992, foram implantadas 700 pupunheiras que começaram a produzir em 1997, aumentando em 80 % a quantidade de sementes produzidas, com uma média de produção de 500 Kg sementes/ano. Porém essa quantidade está muito aquém da real necessidade dos produtores regionais.

2. CADEIA PRODUTIVA DO PALMITO PUPUNHA NA BAHIA

O interesse pelo cultivo da pupunheira no sudeste da Bahia, cresceu com a crise da lavoura cacauzeira, que motivou os produtores a buscarem alternativas para diversificar suas propriedades rurais, com ênfase aos cultivos precoces, rentáveis e com mercado em expansão. A pupunheira oferece todas essas condições, além da grande capacidade de adaptação aos solos e clima regionais.

O primeiro plantio em escala comercial na Bahia foi realizado em 1993, pela empresa UNACAU, no município de Una, sudeste da Bahia, e em 1994 pela Fazendas Reunidas Vale do Juliana (FRVJ), no município de Igrapiúna, BA.

Do final da década de 90 até 2004, as regiões sul e baixo Sul da Bahia contavam com 08 indústrias de palmito de pequeno, médio e grande porte. Entre estas, duas foram arrendadas por empresas maiores e uma está inativa.

Em 20/09/2001, foi assinado o Protocolo de Intenções da Cadeia Produtiva do Palmito, que prevê até o ano de 2008, a implantação de 7 000 ha de pupunha para produção de palmito, por duas empresas equatorianas associadas à empresas brasileiras, sendo 4000 ha na micro região cacauzeira e o restante na região baixo sul da Bahia, em sistema de integração com pequenos, médios e grandes produtores rurais.

Essa cadeia produtiva surgiu da integração entre o segmento privado e o Governo da Bahia por meio de suas Secretarias de Estado (SEAGRI, SICM, SEPLANTEC/CAR e SEFAZ), as Prefeituras Municipais, o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) por meio da CEPLAC e da DFA, os agentes financeiros (BNB, Banco do Brasil Desenhavia) e o IDES, organização não governamental voltada para o desenvolvimento regional (Virgens Filho, 2002). A meta e o prazo desse projeto foi alterado, buscando adequar-se à situação encontrada na região.

Duas empresas foram criadas e estabelecidas na Bahia, a partir da criação da Cadeia Produtiva do Palmito. A Inaceres Agrícola Ltda. com sede em Uruçuca, é resultado da associação da Inaexpo (Equador), com a Agrocerec (Brasil), e possui

uma área plantada de 700 ha (300 ha próprios, e 400 ha adquiridos da UNACAU). No sistema de integração, encontram-se registrados 86 produtores que juntos totalizam uma área de 308 hectares de palmito (Aboboreira Neto, 2005).

A Ambial, ex- Expropalm Brasil, resultado da associação da Expropalm Sociedad Anônima (Equador) com a FRVJ, conta hoje com uma área plantada de 400 ha na empresa Fazendas Reunidas Vale do Juliana com meta de expandir para 600 ha próprios e o restante com integrados. Ambas empresas equatorianas têm tradição no cultivo e no mercado de palmito em conserva (Virgens Filho, 2002).

Sendo a escassez de sementes de pupunheiras sem espinhos um dos grandes entraves para a expansão do agronegócio palmito de pupunha na Bahia, foi assinado também o Protocolo de Intenções da Biofábrica de mudas de pupunha, em construção no município de Camamu, para atender à demanda das duas empresas. Esta medida visa principalmente diminuir o risco de introdução de pragas quarentenárias como a *Monilia*, agente causal da moniliase, doença muito importante na cultura do cacau, presente no Equador, Colômbia, Venezuela e Peru. Os esporos deste fungo poderão ser transportados nas sacarias, embalagens e nas próprias sementes de pupunha oriundas do Peru, principal país exportador de sementes para o Brasil. A presença da *monilia* em sementes de pupunha importadas do Peru foi constatada por Marilene Bovi (Com. Pessoal, 1996), além de outros fungos como *Fusarium oxysporum*, *Phytophthora* sp., *Phoma* sp, *Trichoderma* sp (Bovi et al., 1994). Em maio de 2001, 1,8 ton de sementes de pupunha, que chegaram ao aeroporto de Ilhéus sem atestado fitossanitário, foram apreendidas pelos fiscais do MAPA e incineradas a seguir. Nas importações realizadas em maio de 2002, constatou-se a presença de alguns dos fungos anteriormente citados e de *Geotrichum* sp e *Mucor* sp. (Bezerra et al., 2002). Estas sementes também foram incineradas pelos fiscais do MAPA, no aeroporto em São Paulo.

Para regulamentar a importação de sementes de pupunha, o MAPA emitiu a Instrução Normativa nº 26 registrado no Diário Oficial de 22 de abril de 2002. Porém, a grande demanda por sementes, sua alta cotação no Brasil e a falta de fiscalização nas fronteiras estimulam o mercado clandestino de sementes, o que dificulta o atendimento às normas governamentais vigentes. Mesmo existindo alguns importadores de sementes credenciados, é difícil precisar a qualidade das sementes que chegam ao Brasil.

Atualmente mais de 600 empresas rurais na Bahia já diversificaram suas atividades agrícolas com o cultivo da pupunheira para produção de palmito, cuja área cultivada está estimada em 4 500 ha, sendo 3000 ha em produção.

Apesar das vantagens agrônômicas, a pupunheira é uma cultura que exige um manejo criterioso para alcançar alta produtividade, o que implica em custos financeiros relativamente elevados e os produtores regionais encontram-se descapitalizados em decorrência do endividamento com a lavoura cacauzeira, que juntamente com a desorganização que é predominante no meio rural, culminam na baixa adoção das práticas e conseqüentemente na baixa produtividade dos plantios. Esses fatores, aliados à falta de conhecimento e de confiança em uma

cultura nova, influenciam na decisão de outros produtores, que nutrem um certo receio de investir nesta atividade. Além disso, apesar da falta de palmito para as indústrias, o preço pago ao produtor ainda se mantém em torno de R\$0,50 a R\$0,65 a haste, preço pouco atrativo aos produtores.

3. PERSPECTIVAS DE MERCADO

A maioria do palmito comercializado no Brasil ainda é oriundo do extrativismo de palmeiras nativas, principalmente do açazeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), nativo da região amazônica, e da juçara (*Euterpe edulis* Mart.), nativo da Mata Atlântica. O produto obtido de extrativismo apresenta qualidade abaixo do padrão, pois com a redução dos estoques naturais, a extração é realizada em palmeiras ainda jovens, originando palmitos fibrosos e de tamanhos irregulares. Além disso, compromete a regeneração natural das espécies ao terem seus ciclos reprodutivos interrompidos, com o corte prematuro das palmeiras.

Esta situação tem comprometido o mercado externo, que exige um produto de melhor qualidade e que não seja oriundo de atividade extrativista, de acordo com a decisão da ECO-92. Neste evento, vários países foram signatários de um protocolo, no qual versa que a partir do ano 2000, a importação só será realizada com palmito oriundo de cultivo ou de plano de manejo sustentado (APROMAC, 1998). Desta maneira, o Brasil perdeu a liderança para o Equador e para a Costa Rica que produzem palmito de pupunheira tecnicamente manejado e de qualidade superior. Porém, existe grande expectativa de se retomar a liderança no mercado externo, haja vista que, o cultivo de pupunha tem se expandido bastante nos últimos anos, principalmente na Bahia, São Paulo, Espírito Santo, e outros estados brasileiros.

A tendência do mercado de palmito de pupunha é crescente tanto em nível interno, como internacionalmente, não só para atender as exigências do mercado internacional, como pela atual demanda dos frutos de açaí para produção da polpa, que apresenta maior rentabilidade que o mercado de palmito, apontando assim para uma diminuição paulatina deste palmito no mercado.

O mercado externo, antes concentrado nos países europeus como França e Espanha está se expandindo para países como EEUU, Canadá, Japão, China, entre outros (Aníbal Rodrigues, dados não publicados).

Recentemente, a maior rede de comércio justo e solidário da Europa, a Alter Eco, sediada na França, manifestou interesse em comprar palmito de pupunha de organizações de produtores (cooperativas, associações) da Bahia, nas condições de Comércio Justo. No norte do Brasil, essa empresa já compra palmito de pupunha de duas associações de Rondônia: a APA (Associação de Produtores Alternativos) e RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado) (Alter Eco, 2005). Vale ressaltar, que o interesse dessa empresa é apenas no palmito de pupunha, para evitar que sejam extraídos palmitos de palmeiras nativas.

Portanto, o panorama é bastante favorável para o mercado de palmito de pupunha tanto em conserva, como fresco ou minimamente processado, conservado apenas em refrigeração, uma peculiaridade do palmito de pupunha, que não se oxida ao ser cortado.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOBOREIRA NETO, M. Produção e Comercialização de Palmito de Pupunha (*Bactris gasipaes* Kunth) *in natura* no Sistema de Integração da Inaceres Agrícola. 27ª Semana do Fazendeiro, 2005. Agenda Técnica. MAPA/Ceplac/Cenex/Emarc, Uruçuca, BA. 2005.

APROMAC- PRÊMIO PARANÁ AMBIENTAL/98 Projeto Pupunha, O Palmito Ecológico de São Tomé. Capturado em maio de 2001 www.apromac.org.br/pupunha.htm

ALTER ECO - La Cooperative du jour : APA et RECA ao Brésil e produit alternative. Capturado em 19 de setembro de 2005 www.alterecosud.com

BEZERRA, J. L et al. Relatório Técnico de Perícia Realizada para Detecção de *Moniliophthora roreri* em Sementes de Pupunha. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento-MAPA, Ceplac/Cepec, 18 de Junho de 2002.

BOVI, M. L. A. et al. Seed Germination of progenies of *Bactris gasipaes*: percentage, speed and duration. Acta Horticulturae 360, Ornamental Palms I, p. 157-165, 1994.

Difusão Agropecuária. Pupunha Produz Frutos Nutritivos e Excelente Palmito para Exportação, Ilhéus (BA), Ceplac/Cepec, v. 2, n. 1, p. 36 – 39, 1990.

O Dirigente Rural, maio/junho 1977, pag. 24.

VIRGENS FILHO, A. Cadeia Produtiva do Palmito – Projeto Expropalm Brasil S.A. Apostila. Ituberá, Ba, dez. / 2002.